

Número 17

lapauz

Publicação dos
Associados do IPB

EDIÇÃO ESPECIAL - JORNADA IPB 2014

XV Jornada do Instituto de Psicanálise da Bahia Investigação/Invenção no IPB



Data: 13 de Dezembro
Sede do IPB
Rua Comendador José Alves
Ferreira, nº 60 - Garcia
Inscrições e Informações
(71) 3235-9020|3235-0080
epbbahia@terra.com.br

Envio de trabalhos: Associados, alunos do Curso Regular, dos Núcleos de Pesquisas e da Especialização, podem encaminhar trabalhos até 23/11/14 para epbbahia@terra.com.br - Assunto: Trabalho Jornada 5000 caracteres – Courier New, 10 – parágrafo tabulado – referências no final do texto

Comissão Organizadora: Analícea Calmon, Bernardino Horne, Jordan Gurgel
Colaboradores: Equipe Lapsus – Anderson Viana, Daniela Araujo, Ethel Poll, Iago Sampaio, Julia Solano, Paula Goulart, Rogério Barros, Wilker França.

lapaus

Número 17

Publicação dos
Associados do IPB

EDITORIAL

Quando, na neurose, alguém fala de si, o faz usando seu corpo. Fala enunciados inevitavelmente acompanhados de enunciação. Esta é marca da invenção na neurose e o natural desdobramento desta estória é que nela, estando a mensagem invertida, mesmo que o sujeito não queira falar de si, também o faz quando fala com seu corpo. Desse modo, a invenção na neurose traz consigo um enigma a espera de decifração.

Esta, por sua vez, requer um 'decifrando' para seguir existindo decifrável. E sendo assim, esta não é a única invenção possível. Miller, ao falar da invenção na psicose, atribui valor de bricolagem a ela. Na esquizofrenia, na impossibilidade de apelar para os discursos estabelecidos e soluções típicas, o sujeito inventa para se ligar ao corpo: no dedo um anel, na cabeça, uma faixa. Já na paranóia, na impossibilidade de barrar o Outro, as invenções incidem no laço social. Inventa-se um contrato como fez Rousseau ou um delírio mais ordinário qualquer. Nestes casos, o sujeito não usa a coisa-palavra para tentar falar ou não falar de si. Ela sim, parece usá-lo como se quisesse continuar a existir através de seu corpo no mundo. É, aqui não há decifração possível, mas apenas a possibilidade de leitura por um outro.

A diferença está na justa possibilidade de alojar-se ou não na barradura do Outro, fazer da linguagem um instrumento ou permanecer seu instrumento, ter um corpo ou ser um corpo. A psicanálise só foi uma invenção possível porque este caminho não é dado à ninguém de nascença. É preciso percorrê-lo sem ou com psicanálise! Quando o Outro é barrado, o sujeito tem a tarefa de ser seu próprio inventor para ter um corpo.

Nesta edição, de número 17, Lapsus publica os trabalhos da Jornada do IPB do ano de 2014 que tem como tema invenção/investigação em psicanálise. Esta jornada conta com os trabalhos de Paula Goulart, Ivone Maia, Maria Luiza Rangel, Marcelo Magnelli, Maria Luiza Sarno, Maiana Rocha, Melissa Coutinho, Daniela Araujo, Milena Barbosa, Iago Sampaio e Joaquim Carvalho!

Boa Jornada a todos!

Anderson Viana - Associado do IPB

SUMÁRIO-PROGRAMA

8h45: Abertura (A Diretoria) + Lançamento de LAPSUS

9h15-10h15: MESA I (coordena Rogério Barros)

Os contrários da psicanálise.....p.05

Joaquim Carvalho

A topologia e o Pensar-corpo.....p.06

Luiza Sarno

10h15-10h30: Lanche

10h30-11h30: MESA II (coordena Júlia Solano)

Psicose e a fragilidade do laço social.....p.07

Milena Rocha Nadier Barbosa

O louco, o crente.....p.09

Iago Sampaio

Da violência à invenção na psicose.....p.11

Marcelo Magnelli

11h30: Posse (Diretoria e Conselho)

12h30: Almoço

13h30-14h30: MESA III (coordena Fátima Sarmento)

Trauma e violência doméstica.....p.13

Ivone Maia de Mello

O que os homens estão encontrando no final de análise?.....p.14

Maria Luiza Rangel

13h30-14h30: MESA IV (coordena Wilker França)

Arte e Psicanálise – Aprendendo a Desaprender.....p.16

Melissa Roters Coutinho

Da historização de Dora a invenção de Freud.....p.18

Maiana Pinheiro Rocha

13h30-14h30: MESA V (coordena Anderson Viana)

Violência contra @ criança.....p.20

Daniela Nunes Araujo

O sintoma e o real do trauma–revisitando o conceito de repetição em Lacan.....p.22

Paula Goulart

16h30: Encerramento (Maria Luiza Rangel – Presidente do Conselho IPB)

Os contrários da psicanálise.**Joaquim Carvalho – Curso de Especialização TPOL**

Como Kojève leu Hegel, o desejo é vazio e se satisfaz positivamente destruindo um não-Eu. Esse Eu dirigido ao não-Eu natural que o satisfaz será como o seu objeto: um Eu-natural, Eu-coisa. Um organismo que só se revela a ele mesmo e aos outros como sentimento-de-sí. O humano se diferencia do animal pela consciência-de-sí por que a linguagem o confere a possibilidade de dizer 'eu' como sujeito gramatical do enunciado e assim desejar um objeto não-natural, que ultrapassa a realidade dada. E o que ultrapassa essa realidade? O próprio desejo, porque antes de ser realizado, é apenas um nada, vazio irreal. Daí o humano só alcança consciência-de-sí ao desejar o desejo, por toda a dialética assimiladora e negadora que isso envolve (Kojève, 2002).

Lacan não era inocente e se apropriou do que queria dessa leitura até chegar ao famoso aforismo psicanalítico 'o desejo do homem é o desejo do Outro'. (Lacan, 1998, p. 634) e essa frase guarda pelo menos duas vertentes básicas.

Sendo o Outro 'o lugar de manifestação da fala', (Lacan, 1998, p. 634) e o desejo existindo pelo sujeito fazer passar sua necessidade pelos desfilamentos significantes, Lacan dizer que o desejo é do Outro é concentrar em apenas uma afirmação a sua teoria de que o desejo só existe por habitarmos a linguagem.

Outra vertente seria a de colocar o sujeito num lugar de dependência do Outro para tentar elucubrar o que ele próprio é e deseja. O desejo então seria um engodo do que o sujeito acredita que quer. Na verdade, sendo onde ele se localiza no desejo do Outro, transvestindo o que acha que o Outro quer que ele seja.

Pensando assim, parece que a psicanálise lacaniana entende o desejo ao contrário. Quando achamos que desejamos as coisas, descobrimos que, na verdade, desejamos objetos para que unidos deles, possamos nos colocar onde acreditamos que os desejos alheios estão. O sintoma aparenta ter lógica parecida. Quando se achava que o sintoma era o que prejudica e transformava a vida das pessoas em pura desgraça, Freud diz que na verdade os sintomas já são uma solução para o encontro com outra coisa (Freud, 1900).

Então, até o sintoma é, ao contrário do que se pensa, uma solução para um problema maior. Uma solução frente ao encontro com o real e 'o termo que representa resposta do sujeito com relação à questão do gozo' (Skriabine, 2013, p. 20).

O próprio Lacan, em determinado ponto do seu ensino decidiu entender ao contrário, quando abandona a noção de Outro para 'abraçar' o Um. A partir do momento que percebeu que ao menos um significante falta ao Outro, S(A/), Lacan parece que substituiu o instrumento metodológico psicanalítico que o ajudava a ler os casos a partir do simbólico e aborda teoria e prática através do recurso do real e conseqüentemente da topologia (Skriabine, 1993).

Será que, em algum momento, os contrários da psicanálise também podem influenciar em como, na prática, algo que parece estar claro em relação a um paciente específico pode, na verdade, ser totalmente o contrário?

Partindo do ponto que o falasser é constituído pelos percalços do enxame (S1 -- S1 -- S1 -- S1) de significantes que afetam o corpo vivo, a ausência de lei no real pode manifestar na clínica as mais diversas conseqüências de lalanguage. O que nos leva a excluir a lógica cartesiana entre os atributos do trabalho de um analista, que só

através do ato pode de alguma forma mobilizar os contrários já citados e evidenciar o que de Um deve advir em um set analítico.

E estar presente em corpo não deixa de ser ato, somente pelo desejo do analista a psicanálise se distancia de todo resto de práticas que supostamente visam à cura de um indivíduo imerso em angústia. O analista se diferencia pelo ato de contrariar o sujeito e usar o que disso se manifesta em favor do trabalho analítico, longe de qualquer aconselhamento terapêutico, desde já o trabalho em análise visa os contrários do esperado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Freud, S. A interpretação dos sonhos. In Freud, S. Obras Completas, Ed. Standard Brasileira. Vol. 4 e 5. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
Kojève, A. Introdução à leitura de Hegel. Rio de Janeiro: Contra-ponto: EDUERJ, 2002.
Lacan, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
Skriabine, P. Clinique et topologie. Deuxième partie: La Clinique du noeud Borroméen. In La CauseFreudienne: Reuve de Psychanalyse. Paris, France: Publication de I' ÉCF, 1993.
Skriabine, P. Do sintoma ao sinthoma. In: @gente Digital n° 8, Abril de 2013.

A topologia e o Pensar-corpo.

Luiza Sarno – Curso Textos Centrais Último Lacan

Para mim o mundo é uma espécie de enigma constantemente renovado. Cada vez que o olho estou sempre a ver as coisas pela primeira vez. O mundo tem muito mais para me dizer do que aquilo que sou capaz de entender. Daí que me tenha de abrir a um entendimento sem baías, de forma que tudo caiba nele.

José Saramago, O Jornal, Janeiro de 1983

A frase de Saramago remete a debilidade do falasser apontada por Lacan (1975, apud Miller, 2009) no seminário "O Sinthome". No ultimíssimo ensino de Lacan, pensamento, corpo e gozo estão atrelados, desse modo, "pensar é sempre pensar o corpo enquanto ele goza e, pelo simples fato de que o corpo goza, o pensamento rateia" (Miller, 2009).

O limite do dizer é apontado por Miller (2006) ao ponderar que de tudo o que ele diz, apenas algumas palavras como peças avulsas, engancham, ecoando no falasser e convocando a pensar. Entretanto, o pensar que ele se refere não é a concepção de pensar cartesiana, onde existe a crença de que a ordem simbólica tem autonomia e supremacia, mas o pensar onde o corpo está incluído, ou seja, pensar-corpo. Como o que conta é o que se fala, e não o que se pensa "cartesianamente", a regra fundamental da psicanálise, a associação livre, visa possibilitar, como uma câmara de eco joyciana, que ao acaso e de modo contingente os significantes possam reverberar convocando o falasser a inventar um saber fazer com o que sempre rateia.

A partir do último ensino de Lacan, o que rateia se refere ao Um, ou seja, a uma coisa que faz falar, "não é qualquer um que fala, e sim o UM" (Lacan, 1971-1972/2012). A abertura para o discurso analítico ocorre via esse novo campo, o campo do Um ou Uniano.

A diferença existente entre escrita e a fala é tomada por Lacan (1971-1972/2012) numa primeira aproximação do Há-Um. Essa lacuna também é evidenciada pela matemática que aponta que muitas coisas só se enunciam através da escrita, desse modo, ao recorrer a teoria do conjunto do matemático George Cantor, Lacan visa um acesso ao real através do simbólico, pois "[...] não acessamos o referido real senão no e através do impossível que somente o simbólico define" (Miller, 2004).

Na teoria do conjunto, o Um surge como que do efeito da falta. Ao realizar uma correspondência biunívoca entre dois conjuntos, é no momento em que falta um parceiro nas duas séries comparadas que surge

a ideia do Um. "Há Um que falta" (Lacan, 1971-1972/2012). A falta evidencia que os princípios que regem cada conjunto são distintos, ou seja, a falta marca a diferença absoluto entre os conjuntos. O fundamento do Um constitui-se propriamente do lugar de uma falta.

Miller (2011) afirma que quando se visa num discurso o que nele exerce a função do Um se faz henologia. Do que se trata a henologia? Miller (2011) busca realizar a oposição conceitual entre o ser e a existência, buscando distinguir o ser, e o real. A ontologia refere a doutrina do ser. Miller (2011) refere que embora os gregos tenham desenvolvido uma ontologia, perceberam os limites desta proposta apontando um mais além do ser. A ontologia implica uma dialética do ser, ou seja, ao situar o ser, concomitantemente aponta o não ser. A operação que conduz ao ser é uma operação de linguagem, que inclusive faz ser o que não existe. Como afirma Miller (2011), "A linguagem é criadora e, em particular, cria o ser". Ao nomear e descrever um unicórnio, a linguagem o cria, ou seja, a realidade se constitui a partir de um discurso, devendo sempre ser tomada a nível da fantasia.

A partir dessas questões, a psicanálise usa o termo semblante visando lidar com essa fragilidade do ser, que ao mesmo tempo é oposto da aparência, não é outra coisa senão aparência.

Como ter acesso a algo que não seja da ordem do semblante, ou seja, que não seja afetado pela linguagem e seus equívocos? Esse além do semblante se refere ao real e, segundo a tese de Miller (2011), a matemática foi o recurso utilizado pela filosofia grega para ir mais além do ser. A matemática não cria o seu objeto, mas busca soletrar um real que já lá está. Na matemática o real não varia e pode-se ter acesso a ele por uma linguagem reduzida à sua materialidade, ao significante puro e sem sentido de letras que se organizam em matemáticas, ou seja, uma linguagem que é real. Passa-se então da dimensão do ser para a dimensão da existência.

No seminário "...ou pior", Lacan (1971-1972/2012) aponta o que ele denomina de extravagância numérica. Para isso ele exemplifica com a diagonal do quadrado que é possível demonstrar na figura, mas não calcular, pois, independente do tamanho do quadrado, vai sempre implicar em um número multiplicado por $\sqrt{2}$, que é um número irracional. Lacan aponta, então, algo que só pode ser mostrado, assim como a topologia dos nós.

Diante da inevitabilidade do ratear do pensamento, Lacan avança seu ensino através dos nós. O nó é uma escrita que não permite a conexão entre o significante e o significado, sendo assim, não permite ser circunscrito pela dimensão imaginária do sentido. Miller (2011) afirma "O nó desatreia a escrita da fala e ao fazê-lo, o próprio nó demonstra poder ter o valor de um traumatismo". Como o pensamento sempre rateia, a topologia visa transmitir algo do real do corpo marcado pelo modo de gozo.

Ao visar o real da experiência, o que está em questão é o que foi condensado no fato puro do traumatismo, ou seja, a marca, o furo, que a língua esculpe em cada um, de maneira contingente. A topologia como uma experiência de mostra não seria, como a poesia, uma via de tentar se aproximar do indizível?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Lacan, J, Seminário, livro 19 ...ou pior. RJ, Zahar Ed., 2012.
Miller, J-A, Peças Avulsas. Opção Lacaniana, no 45, maio, 2006.
Miller, J-A, Ler um sintoma. In: Afreudite - Ano VII - n.º 13/14, pp. 1-30
Miller, J-A., Perspectivas do seminário 23 de Lacan. O sinthoma. RJ, Zahar Ed. 2009.

Psicose e a fragilidade do laço social.

Milena Rocha Nadier Barbosa – Curso de Especialização TPOL

Esse breve texto tem por objetivo discutir a não impossibilidade do laço social na psicose. Todavia, antes de poder elaborar sobre o tema, caberia aqui um questionamento acerca do que se entende pela expressão laço social em psicanálise, mais especificamente no campo que chamamos psicanálise lacaniana.

Afinal, de que laço, mesmo, estamos falando? Poderíamos partir da premissa: laço social é "algo que pressupõe alguma circunscrição de gozo" (Malcher, Freire, 2013, p. 120)?

Um passo atrás...

Freud, em Totem e Tabu (2001), realiza uma elaboração próxima a essa premissa base. Afinal, o pai primevo não faz laço com os outros membros da horda. A origem do laço estaria no assassinato do pai e em uma conseqüente renúncia de ordem pulsional ao gozo como o do pai. O mito é uma aproximação válida, todavia, é certo que Freud nunca falou em laço social, mas sim em laço libidinal, algo da ordem de uma compensação à perda do gozo, da ordem de uma "tentativa de recuperação libidinal" (Malcher, Freire, 2013, p. 123).

Lacan partirá do mito à estrutura. A partir da elaboração do nome-do-pai, o laço que, em Freud (2001), parece estar relacionado apenas com uma renúncia ao gozo, ganha contornos de uma modelação. Modelação essa, que seria possível através da incidência do significante e conseqüente divisão subjetiva da qual o objeto a emerge como resto e como testemunha da assunção de uma barra na alteridade.

Essa, entre outras articulações, é o que tornará possível a Lacan (1991) realizar a elaboração acerca dos discursos. O discurso, em Lacan, é construído sobre a falta. "só é possível de ser instituído a partir da subjetivação da perda através do simbólico, havendo com isso uma barreira de acesso ao gozo" (Generoso, 2014, p. 4).

Mas afinal, "o que é um discurso? Resposta: É um laço social. Em todo o caso, essa é a definição de Lacan", nos diz Miller (2003, p. 3). Sim, Lacan (2008) falará do discurso como um liame, "um liame entre aqueles que falam. [Afinal,] um significante como tal não se refere a nada que não se refira a um discurso, a um modo de funcionamento, a um funcionamento da linguagem como liame" (Lacan, 2008, p.36).

Voltemos então à questão inicial desse texto. O que resta ao psicótico no que tange o estabelecimento do laço social?

Por tudo dito, há uma aparente indicação de impossibilidade ao laço social na psicose.

Afinal, O psicótico é aquele para o qual não há Édipo, ausência que, por si só, tornaria inviável a formação do laço social em uma perspectiva mítica. E, avançando na perspectiva estrutural, o psicótico é, também, aquele para o qual está posta a forclusão do Nome do Pai e com ela a não extração do objeto a, o que nos levaria a concluir, nos termos de Lacan, que ele é aquele que está

[...] certamente fora do discurso na medida em que não exclui a relação sexual como impossível, e que, por outro lado, não exclui sua ausência como real. A forclusão do nome-do-pai articula-se à inclusão da relação sexual na medida em que é isso que a linguagem, nos termos de Lacan, traz de impossível (Miller, 1996, p. 136).

Assim, seja numa perspectiva mítica ou estrutural, o psicótico estaria a priori condenado ao monólogo da impossibilidade do laço social?

Talvez... Afinal, "embora o psicótico não proceda à extração do objeto a, isso não significa, necessariamente, que ele não seja capaz de produzir alguma fabricação própria para aparelhar o gozo em dada medida" (Malcher, Freire, 2013, p. 128).

Vê-se nas elaborações de Lacan em seu último ensino a aposta na possibilidade de uma invenção frente à ruína do Outro, ali no fora do discurso. A noção de alíngua, a pluralização do nome-do-pai e o estabelecimento do sinthoma, nos indicam caminhos possíveis. Caminhos

para o estabelecimento de uma outra espécie de nó que, através da construção de suplências, permite ao psicótico modular seu gozo através de uma significação fora de sentido.

A noção de alíngua estabelecida por Lacan (1993)

[...] desloca o ponto em que o sujeito pode aparecer: não apenas na cadeia significante a partir do inconsciente, o que requer o recalque, mas também no elemento, no significante Unário. [...] Nessa perspectiva, o S1 extraído de alíngua pode vir a funcionar como um ponto de ancoragem para o gozo (Diogo, 2008, p. 89-90)

Diogo (2008, p.201-202) ainda nos lembra que, a pluralização dos nomes-do-pai indica

[...] que a nomeação será um quarto elemento, e que esse não é, necessariamente, simbólico. Neste caso, o acento está colocado na função de fazer nó, isto é, de manter os registros articulados, o que é diferente de ser um suporte para o simbólico. Nessa formulação, sobressai uma nova concepção de laço social, a da pluralização dos Nomes-do-Pai, que remete a modalidades de suplência à relação sexual que não existe. Na perspectiva da topologia, o sinthoma é o que vem fazer suplência à falta de relação sexual, fixando o gozo que não está submetido a um ciframento.

E, é por essa aposta em algo da ordem de uma invenção que descortina a possibilidade de uma modelação do gozo, aqui, precisamos ampliar o nosso "ideal" de laço, ainda que o façamos para incluir amarrações um tanto mais frágeis, suplências. Afinal, como nos alerta Miller, nesse ponto do ensino lacaniano, estamos, talvez, um pouco além, em um ponto em que "o laço social é o [próprio] sinthoma" (Miller, 1998, p.130).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Diogo, D. A construção do laço social na Psicose. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto de Psicologia/Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2008.
- Freud, S. Totem e Tabu e outros trabalhos (1913-1914). Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- Generoso, C.M. Considerações sobre Psicose e laço social: "o fora-do-discurso da psicose". In: CLINICAPS - Espaço clínico de interlocução e construção de referências para reflexões sobre o modelo de Saúde Mental de Minas Gerais. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/clinic/v2n4/v2n4a03.pdf> Acessado em 20 de julho de 2014.
- Lacan, J. O seminário livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- _____. O Seminário livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- Malcher, F.; Freire, A. B. Laço social na Psicose: impasses e possibilidades. In: *Ágora*, v. XVI, n.1 jan/jun 2013. Rio de Janeiro, 2013.
- Miller, J. Casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica: a conversação de arcachon. São Paulo: Biblioteca freudiana brasileira, 1998.
- _____. Matemáticas I. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- _____. Um esforço de poesia: aula 13. Arquivo digital, 2003.

O louco, o crente.

Iago Sampaio - Curso de Especialização TPOL

O ensino de Lacan aponta para uma subtração simbólica nos psicóticos, o que caracteriza sua estrutura psíquica e a maneira peculiar com que estes sujeitos lidam com o mundo. Em seus seminários, Lacan localiza tal carência no nome-do-pai, termo que concerne o significante que transmite o código compartilhado pelos falantes. No caso dos indivíduos psicóticos, há a não inscrição desse significante, é o que justifica o alheamento do louco à dimensão compartilhada pelos neuróticos (Lacan, 1955-56).

No entanto, sabe-se que o psicótico em sua pobreza simbólica é capaz de desenvolver artifícios, através de práticas, criações, crenças, rituais, discursos, que lhe dão uma amarração psíquica capaz de estabilizá-los em sua experiência. Trata-se de uma espécie de armengue, ou bricolagem, que o permite ter uma relação com o Outro de

modo que esse Outro seja menos invasivo e ameaçador. Isso se dá ao passo que o indivíduo faz do seu sintoma algo que se aproxima da funcionalidade do significante do nome-do-pai que, no caso do sujeito psicótico, foi foracuído (Lacan, 1975-1976; Miller, 2003).

Graças a essa bricolagem, há sujeitos que mesmo após anos convivendo com um transtorno psicótico declarado, se reorganizam, se estabilizam, recobrando, na medida do possível, sua saúde mental, e há ainda os sujeitos psicóticos que sequer chegaram a surtar. Nesses casos, embora a pessoa possua uma estrutura psicótica, seu *sinthoma* o mantém amarrado, ainda que com suas estranhas peculiaridades. Estamos falando de psicoses não desencadeadas, ou psicoses ordinárias, ou ainda, psicoses bem sintomatizadas (Lacan, 1975-1976).

As psicoses não desencadeadas possuem uma certa característica - que é o *sinthoma* em sua radicalidade - de que o sujeito em sua leitura do mundo, *pregnantemente imaginária*, se apropria de práticas, rituais, crenças que terminam por caber no Outro, mesmo porque esse Outro possui suas falhas (Skriabine, 1993). Isso ameniza o conflito enunciado por Freud (1924) sobre o psicótico, de que a realidade é o que o afronta, ao passo que essas práticas e crenças reduzem o contraste da realidade psíquica do sujeito com a realidade compartilhada na linguagem.

O jargão popular "religião e política não se discutem" é algo que adoça as discrepâncias entre discursos discrepantes. A religião, enquanto fundada na fé na misericórdia divina, trata a esperança como certeza, não como probabilidade - como é o caso do discurso científico. Isso permite ao crente não só viver uma experiência *pautada na cega fé*, como também compartilhar isso com um grupo de pessoas que se enviesam pelo mesmo fundamento, o que justifica o dito jargão (Barros, 2012).

Freud (1927/1974), coloca que o laço que une a humanidade ao sagrado é o desamparo inerente a constituição humana. Lacan em seu turno afirma que a religião:

Não triunfará apenas sobre a psicanálise, triunfará sobre muitas outras coisas também. É inclusive impossível imaginar quão poderosa é a religião... O real, por pouco que a ciência aí se meta, vai se estender, e a religião terá então muito mais razões ainda para apaziguar os corações. (...) Ora, a religião, sobretudo a verdadeira, tem recursos de que sequer se suspeita. (Lacan, 2005, p. 65)

Nesse sentido, não é difícil entender a razão das igrejas cheias e as cidades cheias de igrejas. As pessoas que buscam, em seu desespero, a resposta para suas faltas e angústias visam o amparo divino e o amparo dos demais desamparados que juntos, compõem um volume imensurável. Acerca disso Lacan discorre:

Não é preciso muito para que um templo se erga, para que um novo culto se instaure. O numinoso pulula e age por toda parte na existência humana... (Lacan, 1997, p. 211)

Portanto, enquanto fundamentada na fé na misericórdia divina, tratando a esperança como certeza, a religião torna-se um "prato cheio" para os sujeitos psicóticos. Munidos da certeza, decorrente da precariedade simbólica, eles terminam por encontrar assento e explicação para suas angústias na crença religiosa. O psicótico, com sua crença convicta e dificilmente abalável, pode vir a fazer dela um *sinthoma* que o protegerá do Outro, mantendo as bases do psiquismo numa "homeostase religiosa". E mais, ele ainda pode contar com os irmãos de fé, que o protegem, concordam e reforçam seus votos ao divino - sejam eles loucos ou não. "Você estaria disposto a discutir com ele sobre isso?" é a pergunta que se faz de pronto.

Desse modo, não seria inocência pensar que dentro de igrejas e dos cultos religiosos encontram-se psicóticos bem sintomatizados pela religião, arreigados pelo discurso religioso e respaldados por uma comunidade de desamparados. Trata-se de psicoses não desencadeadas em função da crença, que estão dispersas dentre a comunidade religiosa. Não se perde de vista aqueles que, por diversos motivos, surtam e passam a aderir, ou continuam, vorazmente no recurso religioso – seja ele o salvador ou seu mais fiel defensor – sendo uma bengala para a existência do indivíduo que o estrutura e o escora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Barros, R. R. (2012). *Compulsões e obsessões, uma neurose de futuro*. Coleção para ler Freud. Ed. Civilização Brasileira.
- Freud, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2ª, 1987:
- (1924) *Neurose e psicose*
- (1974). *O futuro de uma ilusão*.
- Lacan, J. (1955 - 56) *O seminário, livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- Lacan, J. (1997). *O seminário. Livro 7: a ética da psicanálise* (A. Quinet, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2005). *O triunfo da religião, precedido de, Discurso aos católicos* (A. Telles, trad). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1975-1976) *O seminário, livro 23: O sinthoma* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- Miller, J.-A. *A invenção psicótica*. Opção Lacaniana, São Paulo: Eolia, n.36, p. 6-16, maio 2003.
- Miller, J. A. *La psicosis ordinária*. Buenos Aires: Paidós, 2003.
- Skriabine, P. (1993) "La clinique différentielle du sinthome", in *Quarto-Revue de*

Da violência à invenção na psicose.

Marcelo Magnelli – Núcleo de Investigação Psicanálise e Psicose

Violência e Passagem-ao-ato

Podemos dizer que todo discurso oferece um modo estruturado de se deslocar dentro do contexto fantasmático, tangenciando-se o real a partir do objeto a. Os discursos são, portanto, modalidades de aparelhamento de gozo.

Nas psicoses não encontramos a defesa da fantasia, o Édipo não se efetivou, pois não ocorreu a fase de separação. O falasser fica, então, à mercê de um gozo que não encontra balizamento significante. A isso equivale dizer que não há objeto a extraído da realidade, não há um recorte do real do gozo que reste "para sempre perdido", o que implica numa *patologia do desejo*, assim como numa *patologia do Outro*.

A alucinação é um efeito da não-extração do objeto a ("o objeto a não extraído retorna desde o real"). Em casos mais precários, a passagem-ao-ato mostra-se como recurso de defesa mínimo. Neste caso, tomemos um caso ocorrido com Celso Rennó Lima e comentado por Miller:

"Um dia ele faz uma visita a um paciente psicótico, do qual ele é o psiquiatra. Esse paciente, particularmente agressivo, não suporta o olhar. Ele dá em seu interlocutor, todavia advertido, um murro no olho e lhe diz: "Agora você tem um olho diferente do outro". Miller explica que a passagem ao ato realizou uma extração forçada do objeto a. A partir do dizer do próprio paciente, o murro no olho fez entrar à força, no campo do gozo, a diferença significante. Nesta ocorrência, trata-se da diferença entre o olho direito e o olho esquerdo" (Naveau, 2007).

Destacamos aqui o caráter violento e disruptivo do gozo, tomando-o como expressão de um Real sem lei. A passagem-ao-ato, por

consequência, é uma tentativa de cura muito precária, tal como Freud postula acerca da função do delírio.

"Nos limites do discurso, na medida em que ele se esforça por fazer com que se mantenha o mesmo semblante, de vez em quando existe o real. É a isso que chamamos de passagem ao ato, e não vejo lugar melhor para designar o que isso quer dizer. Observem que, na maioria dos casos, a passagem ao ato é cuidadosamente evitada. Só acontece por acaso" (Lacan, 2009, pág. 31).

Em *A Invenção Psicótica* (2003), Miller nos aponta que o corpo é fonte de enigma, sendo necessário criar recursos para se ligar a ele (MILLER, 2003). Essa invenção se faz necessária, pois Lacan coloca como origem do mal o gozo, sendo sua fonte o corpo, o que joga o psicótico à pura deriva na tentativa de encontrar um lastro para o que não cessa de não se escrever:

"A função de cada um de seus órgãos constitui um problema para o falasser. Isso especifica o esquizofrênico, a ser capturado sem o socorro de nenhum discurso estabelecido" (Lacan, 1972).

Invenção e ato encontram-se em relação möebiana, pois o desaparecimento do ser está no cerne da estrutura do ato e é condição para o redesenhar do sujeito e do Outro.

O ato, em sentido amplo, tal qual proposto por Lacan, e retomado por Miller (Miller, 2014), tem sua estrutura desvelada pela passagem ao ato, pela justa medida de que no instante do ato não há sujeito nem Outro. O ato implica um correlato significativo (face significativa), pois não se resume à ação realizada, caracterizando-se, antes, por suas coordenadas simbólicas⁽¹⁾ (Lacan, 1967-1968). Por isso Guimarães sintetiza:

O correlato de significativo que caracteriza o ato não dá conta "do todo" do ato, pois há nele um aspecto que não se deixa apreender pelo significativo. Pode-se dizer que esse aspecto é justamente a ocorrência do ato, sua existência como tal. Uma vez que um gesto é executado ou uma fala é proferida, é estruturalmente impossível, por mais que se tente, eliminar o registro do que ali surgiu como ato, seja ele falho ou não" (Guimarães, 2009).

A face de ato, ao tentar ser lida por sua face significativa, transforma-se numa epopéia, historiciza-se, perdendo-se a dimensão de ato. A face significativa do ato, falho por definição, pode favorecer o ato inventivo do psicótico, aparelhando sentido ao gozo.

Por outro lado, o ato tem em seu horizonte o Outro, pois implica uma ultrapassagem de uma lei vigente. Neste ponto, Miller nos diz que todo ato é delinquente (vide o atravessamento do Rubicón por César). Esta dimensão de transgressão promove uma reestruturação do Outro e uma presença renovada do sujeito, o que, no caso de psicoses, pode arrefecer o caráter mortífero do gozo deslocado para o campo do Outro, criando um mundo possível de ser habitado.

O desencadeamento, seja o tradicional ou o neo-desencadeamento, comportam uma destruição em níveis variados do ordenamento simbólico que passa por fora de um discurso, trazendo-nos a importância do ato inventivo na psicose, mas também de uma positivação da passagem ao ato. Quando falha a invenção, a passagem-ao-ato é uma tentativa extrema de se lidar com o gozo infinitizado da psicose. Mas, paradoxalmente, é a via *princeps* para a invenção.

Mantemo-nos com a indicação clínica de "falar no lugar de agir", apostando na posição ética de que "o que não se pode ser dito,

deve-se, ainda assim, dizê-lo" (Paes Barreto, 2010). No entanto, quando a psicanálise encontrar seu limite, lembrar que

"A vigilância seria uma suplência externa da censura freudiana - aquela que se impõe entre o impulso e o ato. O psicofármaco, por seu turno, contribuiria para a moderação do gozo. São medidas eficazes, mas que não dispensam a escuta analítica na busca de uma estabilização mais consistente(2)".

NOTAS:

(1) "pois na dimensão do ato vem à baila [...] a inscrição em algum lugar, o correlato de significante que, na verdade, não falta jamais no que constitui um ato"

(2) Ibid.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Guimarães, M. C. O estatuto renovado da passagem ao ato, in *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, vol.12 no2, 2009. (Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v12n2/v12n2a09.pdf>)

Lacan, J. O Aturdido, in *Novos Escritos*, Jorge Zahar Ed., 2003, págs. 448-498. (Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/118493959/Outros-escritos-Jacques-Lacan>)

_____. Seminário XV - O Ato psicanalítico, 1967-1968. (Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/165274412/Jacques-Lacan-O-seminario-Livro-15-O-ato-psicanalitico2>)

_____. Seminário XVIII - De um discurso que não fosse semblante, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 2009.

Miller, J-A. Invenção Psicótica, Opção Lacaniana, n. 36, Maio 2003.

_____. Jacques Lacan: Sobre seu conceito de passagem ao ato, in *Opção Lacaniana On-Line*, ano 5, n. 13, março 2014. (Disponível em http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_13/Passagem_ao_ato.pdf)

Paes Barreto, F. A clínica da passagem ao ato, in *Ensaios de Psicanálise e Saúde Mental*, Ed. Scriptum, Belo Horizonte, 2010. p.277-278.

Naveau, P. A extração do objeto a e a passagem ao ato, in *Almanaque On-Line*, ano 01, número 01, 2007. (Disponível em: <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/almanaqueonline.htm>)

Trauma e violência doméstica.

Ivone Maia de Mello - Curso de Especialização TPOL

Este trabalho foi iniciado a partir de uma demanda da DEAM - Feira de Santana, Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher, para dialogar sobre questões relativas ao atendimento que prestam às vítimas de violência doméstica e de gênero. Buscamos estabelecer um encontro para escuta do grupo de funcionários da instituição, visando situar a demanda na fala dos participantes. A inquietação que foi apresentada apontava a dimensão subjetiva entre os fatores determinantes da reincidência dos casos de violência em que o agressor é o parceiro amoroso, e que muitas vezes ocasiona a desistência de levar adiante a denúncia. No discurso dos agentes de segurança do estado, que recebem as queixas das vítimas, algo parece ultrapassar as condições objetivas das situações de violência e envolver ambos, vítima e agressor, numa ligação ao mesmo tempo destrutiva e irrenunciável. Uma pergunta sobre a expectativa relativa às possibilidades e limites do encontro deu lugar à colocação da demanda por inclusão de atendimento psicológico na DEAM, assim como a expressão de uma angústia diante da impotência experimentada frente aos casos de reincidência e desistência dos processos por parte das vítimas.

Pensar a violência contra uma mulher como sintoma, nos permite ir além do que a coloca como problema de gênero, tanto em relação ao agressor quanto à vítima. Nos interessa aqui a repetição que aparece na reincidência do acontecimento violento, sem que a situação seja erradicada. Postulamos que a repetição da situação de violência implica o sujeito que dela é vítima, a partir do que Lacan nomeia como um mais-além do gozo e que entra na economia psíquica de forma ambígua, deixando um resto que escapa à simbolização. A questão está

relacionada às diferentes formas de inscrição na sexuação e às dificuldades para compatibilizar diferentes modos de gozo. O gozo feminino, por situar-se mais além do falo, pode se tornar insuportável para o gozo do Um, do lado masculino, na medida em que apresenta uma alteridade não contida pela lógica fálica, tornando a mulher objeto de violência ao passo que o sujeito não reconhece sua própria alteridade. (LACAN, 1982) O gozo feminino também está relacionado à uma possível disposição subjetiva para a devastação por um homem, o que é diferente da condição de vítima à qual muitas vezes é reduzida a mulher agredida.

Partindo da experiência relatada, que se situa no campo da psicanálise em extensão, buscamos refletir a partir da orientação lacaniana sobre essa violência e seus impasses. Encontramos em Lacan a referência ao limite como uma cifra que funda a posição do sujeito diante do gozo, como alteridade, e que cumpre a função de separá-lo do Outro ameaçador. Esse Outro primordial implica o sujeito como resposta ao real, como semblante fálico ou como objeto, em função dos modos de gozo em jogo para cada caso. (MILLER, 2011)

A diferença sexual ao ser inscrita no corpo deixa uma marca de gozo que não pôde ainda ser representada, fica como ressonância, sem sentido algum. Diante do desamparo traumático dessa intensidade sem sentido, a posição do sujeito como resposta ao real se divide entre sujeito e objeto de gozo, destinado à separação para que nele não se perca. Um apagamento da diferença implicaria uma posição mortífera, como fusão que deixaria o sujeito à mercê de uma invasão de gozo: em resposta, ou o sujeito se anula numa fusão com o objeto, voltando a violência contra si mesmo, ou ataca o objeto para dele se proteger. O amódio, proposto por Lacan, caracteriza o laço que se estabelece na parceria amorosa, diante do enigma da mulher que não existe, alteridade impossível de ser assimilada pelo gozo do Um. A passagem ao ato dos agressores aparece como forma de evitar se deparar com o real da castração, imputada ao outro que é responsabilizado pela perda de gozo do sujeito. (CALDAS, 2013) A violência como modo de gozo sem limite, substitui o gozo sexual sempre sujeito ao declínio. Por outra via, a devastação situa um modo de gozo em que o sujeito assume a posição de objeto de gozo do Outro, como forma de encontrar aí o reconhecimento não localizado pela via do amor.

A proposta de trabalho está em construção, através de encontros em que procuramos estabelecer um diálogo interdisciplinar, visando localizar os impasses referidos aos casos de reincidência da violência, a colaboração para a seleção dos casos a serem encaminhados para atendimento, a formalização de um convênio com a Universidade Estadual de Feira de Santana, para pesquisa, extensão e estágio curricular do Curso de Psicologia, do qual sou docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Lacan, J. O Seminário: livro 20. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
Miller, J-A. Mulheres e Semblantes. In: Caldas, H. Murta, A., Murta, C.; O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico. Belo Horizonte: Scriptum, 2011.
Caldas, H. Bate-se numa mulher...quando os semblantes vacilam. In: Machado, O., Derezensky, E. A violência: sintoma social da época. Belo Horizonte: Scriptum, 2013.

O que os homens estão encontrando no final de análise?

M. Luiza Rangel – Núcleo de Investigação Psicanálise e Feminino

O que os homens analisantes estão encontrando no final de análise? Que acontece quando os homens decidem levar sua análise até o fim, se são eles praticantes de psicanálise? A pergunta nos instiga a entrar no campo de estudo num para além da virilidade.

Este trabalho é parte de uma pesquisa que desenvolvi em paralelo aos nossos estudos no Núcleo de investigação a Psicanálise e Feminino do IPB. Trata-se de uma linha de investigação em curso, portanto. Nada melhor então, que as Jornadas do IPB para comunicar algumas reflexões decorrentes deste estudo.

Com Freud, podemos dizer que ambos os sexos se defrontavam no final com o rochedo da castração, o que fazia com que suas análises se tornassem intermináveis. Ou seja, as mulheres se defrontavam com a irreducibilidade da inveja de pênis e os homens com a incontornável posição de passividade. Em função disso, Freud recomendava aos que se tornavam analistas que voltassem às suas análises de tempos em tempos para fins de verificação e revisão.

Com Lacan tornou-se possível levar essas análises num mais além do Édipo, em direção às posições de objeto, do gozo e das versões constituídas pelo sinthome. Como consequência, as novas pragmáticas desenvolvidas no campo da orientação lacaniana à luz das descobertas do passe e as elucidações e formalizações propostas por J.-A. Miller tornou-se possível levar as análises dos analistas até o final. Isto, sem dúvida, permitiu a elaboração do conceito de posição do analista, posição esta, de objeto, que comporta o surgimento de um desejo inédito, fundamental à direção do tratamento dos futuros analisantes: o desejo do analista.

A presença de Jésus Santiago entre nós por ocasião das últimas Jornadas da EBP-Bahia, bem como seu testemunho foram o mote para avançar nas reflexões sobre o tema.

Estando, já algum tempo, na investigação e estudo sobre a temática do feminino em Lacan quando, há mais ou menos dois anos atrás, fomos surpreendidas com o Seminário de J.-A. Miller, até então inédito, "O Ser e o Um" no qual ele trazia a seguinte proposição:

"É o estudo da sexualidade feminina o que permitiu a Lacan correr uma ponta do véu que recobre este gozo desconhecido. É o que desenvolve no Seminário 20, mas a partir dali encontrou-o mais tarde no homem. Nele está mais oculto sob as fanfarronadas do gozo fálico (Miller, 2011). A porta do seu último ensino vem abrir-se com a concepção do gozo feminino como princípio do regime de gozo como tal" (...) "Aquilo que (Lacan) chegou a entrever pelo viés do gozo feminino, o generalizou até transformá-lo no regime de gozo como tal".

Então, contrariando um ensino estabelecido em muitos seminários e escritos, Lacan nos oferta, no seu ultimíssimo ensino um novo achado que é agora anunciado por Miller e, com isso, nos inspira a retomar as fórmulas da sexuação.

Pois, este anúncio de Miller revela um Lacan disposto a indagar seu próprio ensino. É o que ocorre em relação ao que afirma no Seminário 20 sobre a questão da diferença dos sexos, que define um gozo para o homem e um gozo Outro para a mulher.

Esse questionamento de Lacan vem encontrando eco nos testemunhos de AE's, sujeitos masculinos.

Ora, no gozo feminino se trata de um gozo não balizado pelo falo, de um gozo suplementar, que vem justamente dar conta do "menos" de castração na mulher. Por isso ele é da natureza de um "plus" de gozo, gozo suplementar. Nessa via, a sexualidade feminina é marcada por uma báscula entre o gozo todo, fálico e o gozo não todo, gozo do Outro. Este gozo suplementar antes teoricamente vedado aos homens analisantes, poderia então ser estendido a estes, deixando as mulheres de serem as únicas contempladas. Como isso poderia ocorrer?

Este anúncio de Miller pode nos levar a pensar que, a partir de agora temos que distinguir o gozo feminino enquanto encarnado num corpo de mulher e o gozo feminino particular ao corpo de um homem sem que isto perturbe o ser viril e a escolha de objeto sexual. E também que, para ambos os sexos se trata do gozo do Um e do gozo do Outro, mesmo que este Outro gozo seja o feminino enquanto tal.

É o que os analisantes homens entre os quais cito Marcus André Vieira, Leonardo Gorostiza e Jésus Santiago encontraram no final de análise. Jésus Santiago testemunhou aqui em Salvador recentemente que, para além do gozo e dos semblantes viris, o homem encontra o gozo feminino, o que termina por fazer questão com a relação do sujeito em sua parceria amorosa. Neste caso, este segue rigorosamente o jogo dos semblantes.

O depoimento desses AE's apoia-se na construção teórica de Lacan sobre o gozo feminino que se encontra no escrito "Diretrizes para um Congresso de Sexualidade Feminina" (Lacan). Neste trabalho, ele usa a expressão "contiguidade de gozo" para tentar precisar o gozo feminino como aquele que excede a calçadeira fálica, já que se trata de um gozo em excesso. Trata-se da particularidade do gozo feminino como ilimitado. No texto de alguns AE's ele toma a forma do gozo irreduzível numa análise.

Gorostiza em seu testemunho sobre final de análise, toma a via do falo positivado e negativado para situar o gozo todo e o gozo não todo. Em analogia, formula uma espécie de compensação do gozo perdido (-fi), que está para ambos os sexos e é de estrutura, no neurótico. Lê as fórmulas da sexuação pela via fálica, numa alusão à tumescência, detumescência do pênis/falo, sem levar em conta o campo conceitual largo do não todo. Todavia, a vivência que experimenta uma vez estando na posição feminina de gozo produz uma série de efeitos, a principal delas, um certo consentimento à feminização.

Já Marcos André Vieira articula a contiguidade de gozo como um gozo distribuído entre fantasma e sinthoma. O esvaziamento do fantasma conduz ao sinthoma. Experimentar o sinthoma equivale a acessar o gozo feminino (o irreduzível na sua análise) que lhe permitiu poder abrir-se ao x da contingência como variável necessária da vida.

Para finalizar deixo uma questão que inspira o prosseguimento de nossa investigação: Estaríamos então diante de um novo paradigma sobre a teoria dos gozos? É esta investigação que o trabalho no Núcleo de Psicanálise e Feminino vai permitir continuar para o ano de 2015. A mudança de paradigma acerca do gozo feminino foi, portanto, o que desejamos comunicar neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Freud, S. Análise Terminável e Interminável In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. vol. XXXIII. Rio de Janeiro. Imago
Miller, J.-A. - Curso O ser e o Um. A Orientação Lacaniana. Aula V de 23/3/2011)
Lacan, J. Diretrizes para um Congresso de Sexualidade Feminina In: Escritos, Rio de Janeiro, Zahar p.744.

Arte e Psicanálise – Aprendendo a Desaprender.

Melissa Roters Coutinho – Curso de Especialização TPOL

*Uma didática da invenção
(Manoel de Barros)*

I

*Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:
a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca*

...

Desaprender 8 horas por dia ensina os princípios.

Ao longo da história da humanidade, as artes são parceiras do humano, traduzindo, transmitindo, abrindo espaço ao novo. Sua conceituação é ampla e se modifica ao longo do tempo.

A arte é controversa, é plural, é surpreendente. Ela intermedia a existência do humano, "trata" transformando sua realidade e marcando sua presença através de um produto, a obra. O artista é um embaixador do inaudito, do imaterial, antecipando e emancipando realidades outras.

A ela, está agregada a liberdade, que insufla a criação e que trás na sua construção, certa transgressão e descompromisso com qualquer formalização imposta.

Na história da construção da Psicanálise, Freud modificou algumas vezes os termos que a designava. Não por acaso ele abandonou o sufixo *logia*, e optou por manter *análise* (separar). Também a escolha da palavra *psico* trás em si um direcionamento. "Psique é uma palavra grega que se traduz por alma (Seele)"... "Tratamento psíquico' significa antes: tratamento originado na alma (*vom Seele aus*)..." Freud, 1890).

Arte e Psicanálise se relacionam. Não se trata de aplicar a Psicanálise à arte, mas antes de aplicar a arte à Psicanálise.

Seria possível pensar que uma análise do processo artístico, pode contribuir para uma leitura do processo Psicanalítico, o fazer da clínica?

Segundo Azouri, Lacan em 1978 chegou à conclusão sobre a transmissão da psicanálise que "A Psicanálise é intransmissível". Cabe a cada analista reinventar a Psicanálise. Sobre esse aspecto, ele diz ainda que: "... esqueceu-se grande parte da dimensão criativa da análise, e Lacan, com o passe, procurou reencontrar o caminho de uma reinvenção possível, apostando no testemunho do analisando sobre a relação opaca com a origem e o vazio que se vive no fim de uma análise" (p. 29).

Dito isso, é possível fazer uma reflexão sobre conceitos psicanalíticos, e formulações sobre o fazer artístico, que abarcam o processo pelo qual o intangível toma forma, se materializa, como um produto único. Então, se pode pensar em uma dimensão artística no processo da Psicanálise clínica?

"Toda arte se caracteriza por um certo modo de organização em torno desse vazio" (Lacan 1959-60). *Das ding* em Freud, o furo em Lacan, não pode ser representado "por si mesmo", mas sempre por *outra coisa*. Nesse caso a representação é uma operação que a arte faz. De alguma forma ela *organiza, bordeia* esse vazio, através de suas representações.

A Psicanálise trabalha com o vazio, através das operações do inconsciente nas estruturas clínicas. A metáfora do vaso é interessante, na medida em que ele *se faz*, em torno do vazio.

Segundo Regnault, "Está provado que o vazio não tem somente uma função espacial, mas também simbólica. Ele é da ordem do real, e a arte utiliza o imaginário para organizar simbolicamente esse real. *Ele está entre o real e o significante*"(p.30).

Nesse processo de apreensão, a preservação do único e a experiência íntima do inefável é uma tradução, e uma síntese.

A obra de arte se impõe e sobrevive e ao saber científico, esse, um saber anônimo, sem sujeito, que pode ser percebido pelo olhar de onipotência sobre o homem/sujeito.

Nesse ponto arte e Psicanálise também se tocam. Além disso, há uma similaridade na produção. A produção do artista é única, intransmissível - a não ser o que se apreende dela. É uma invenção, e reinvenção de si mesmo.

Na análise, através da livre associação, a produção do analisante é única, uma invenção atualizada a cada palavra, que promove ao final do processo, uma reinvenção do sujeito, *um saber fazer com isto*.

No curso da análise, se está submetido ao *enigma*, a esse *poder evocativo* que faz mover. Assim como arte faz, sem coagir, ela captura, quem a deixa capturar, e retirando o sujeito de uma dimensão temporal, tempo cronológico, veicula-o em um sentido outro, através do tempo lógico. E após esse processo algo se torna diferente, não é mais o que era antes.

Vê-se então a arte e Psicanálise, como *mediadoras* de um real, através de processos, dão sentido ao que é possível. Mas também incluem e sustentam o que está para além do sentido.

A obra de arte assim como o processo analítico, faz efeito, no sentido de causar efeito, na medida em que acontece como resposta, fazendo aparecer uma questão no sujeito, que já o habitava sem que ele soubesse.

É possível dizer que a clínica Psicanalítica, sendo um processo transformador e "subversivo", que segue uma lógica própria, a do inconsciente, assim como a criação artística, de alguma forma também cria um produto ao final de um processo. Produto esse, que trás em si uma hombridade, uma especificidade e um valor, únicos.

A maneira como cada um tece o seu caminho, faz a sua obra, na direção deste "encontro" - consigo mesmo, pode até vir a ser um testemunho de passe, mas o é principalmente, de vida.

Após uma pessoa se submeter e passar pelo processo de análise, algo estará diferente, algo será criado, uma obra, uma obra de arte talvez, mas com certeza, uma obra viva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Barros, Manoel. *Livro das Ignoranças*. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 1993.
Freud, Sigmund (1908) "Escritores criativos e devaneio", v.IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
Freud, Sigmund (1910) "Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância", v.XI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
Lacan, Jacques. (1959-60) *O Seminário, livro 7. A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
Lacan, Jacques. (1964) *O Seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
Regnault, F. *Em torno do vazio: a arte à luz da psicanálise*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.
Rivera, T. *Arte e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
Didier-Weill, A. (Azouri, C; Rabant, C; Jorge, M A C) *Nota azul: Freud, Lacan e a arte*. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2014.

Da historização de Dora a invenção de Freud.

Maiana Pinheiro Rocha – Curso Regular

"... Tudo que não invento é falso... Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira... Tem mais presença em mim o que me falta... Não pode haver ausência de boca nas palavras: nenhuma fique desamparada do ser que a revelou... Melhor que nomear é aludir... Verso não precisa dar noção... O que sustenta a encantação de um verso (além do ritmo) é o ilogismo..."

Manoel de Barros.

Já dizia Freud: "Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência da vida dos senhores, ou consultem os poetas..." Manoel de Barros em poucos versos traduz grande parte desse trabalho.

Dora chega contando sua história, e para ela é verdadeira, afinal a invenção não é falsa e a verdade tem estrutura de ficção. Ela se via como moeda de troca e culpava todos que estavam envolvidos na trama. Freud lhe pergunta qual a participação dela nisso tudo. Dora era histérica. Seu desejo era estruturalmente marcado pela falta. Talvez se Freud tivesse dialogado com Manoel de Barros, ele tivesse se dado conta que o que Dora buscava era da ordem de um não saber, do não senso.

Freud inventou nomeando, interpretando o não interpretável, dando sentido ao que era da ordem do ilogismo. Manoel dizia que melhor

que nomear é aludir. Fazendo uma alusão da alusão, Serge André coloca que se há alguma coisa da ordem de uma revelação ao termo de uma análise, convém precisar que essa revelação só pode incidir sobre aquilo que Lacan denomina o meio dizer da verdade, ou seja, a verdade jamais pode ser dita toda.

O desejo da histérica é o desejo do Outro. Muitas vezes, a busca por respostas é realizada em outra mulher. Dora acessa seu próprio enigma da feminilidade através da admiração que sentia por outra mulher - a Sra. K. Paralelamente a essa busca pela questão do que é ser uma mulher, há também uma busca por saber, através do desejo de um homem acreditando que ele lhe dará a resposta sobre o seu ser, sobre quem ela é para ele.

Tomando a cena do lago como exemplo, onde Dora passa ao ato dando uma bofetada no Sr. K após ele falar: "Minha mulher não significa nada para mim". Lacan enfatiza não os avanços dele para com Dora, mas as palavras que foram ditas, ou seja, o quanto ouvir isso foi insuportável para Dora. Com isso, o Sr. K passa a ser nada também para Dora, já que ele só tinha valor se aparecesse desejando a Sra. K, pois esta conduzia Dora ao enigma da feminilidade. Para Serge André, as palavras do Sr. K. golpearam de uma só vez a identificação histérica de Dora que possuía uma:

"identificação masculina por um lado, na medida em que ela se identifica à posição do Sr. K ou à de seu pai para contemplar a Sra. K, e identificação feminina por outro lado, na medida em que desejaria ser amada pelo Sr. K, e por seu pai à maneira pela qual a Sra. K é amada por seu pai." (André, S., 1986, p.173)

Lacan, em 1951, em sua "Intervenção sobre a Transferência" defende que o destino feminino não tem outra via senão a de se aceitar enquanto objeto de desejo masculino:

"... O problema de sua condição está, no fundo, em se aceitar como objeto do desejo do homem, e é esse o mistério, para Dora, que motiva sua idolatria pela Sra. K...". (Lacan, 1951, p.221)

Pode-se ver também que a questão central de Dora será saber o que quer a mulher e como ela deve acolher aquilo que um homem pode lhe dar. Além disso, saber como aquilo que é recusado por uma mulher pode satisfazer outra. Ela se coloca na posição daquela que aceita receber um presente do Sr. K e se questiona o que ela pode dar. A partir daí vem à ideia de que ela pode dar o que a Sra. K pode recusar, e com isso, a Sra. K é colocada na posição de senhora do desejo e detentora do enigma da feminilidade por Dora.

Para Lacan, o reconhecimento do pai por uma filha depende da condição de que ele tenha afrontado o gozo de uma mulher, que tenha sabido fazer de uma mulher sua causa.

Segundo Serge André, a questão de Dora visa o enigma do que para ela representa a outra mulher. A posição de Dora se sustenta pelo culto de uma feminilidade misteriosa encarnada no corpo da Sra. K.: esse corpo é sua questão. Se a Sra. K. é exposta ao perigo de ser desvelada, de sair do status de mistério, Dora se sente precipitada, rebaixada ao nível de puro objeto de troca entre seu pai e o Sr. K. É contra esse rebaixamento que ela se revolta.

Dora interrompe o tratamento, antes que ela pudesse se defrontar com o seu próprio enigma. Era um não saber que estava em jogo, e ela supunha que Freud sabia, ou seja, talvez o enigma permanecesse porque Dora buscava um sentido, e talvez não fosse da ordem do sentido, e sim da ordem do não senso. O fato é que Dora esperava que Freud lhe respondesse o que é uma mulher. Como ele não responde a sua questão, ela interrompe o tratamento.

Lacan dizia que Dora só poderia se colocar como objeto de desejo depois que tivesse esgotado o sentido do que a Sra. K

representava para ela. Mas seria esse sentido passível de ser esgotado? Seria possível nomear o inominável? E um enigma deixar ser enigma?

"Ser mulher é a possibilidade de sustentar como causa de desejo o enigma que se é para si mesma."
Ana Paula Gomes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- André, S. (1986/2011). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
Freud, S. (1905/1996). "Um caso de histeria"; "A dissolução do Complexo de Édipo"; "Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos" In. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Volumes: VII; XIX. Rio de Janeiro: Imago.
Gomes, A. P. Bergasse Livro de Psicanálise e Arte.
Lacan, J. (1951/1998) "Intervenção sobre a transferência". In. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Violência contra @ criança.

Daniela Nunes Araujo – Núcleo Carrossel

*Se a criança é tomada como objeto,
sua condição de sujeito
da palavra não é considerada.*
(Cristina Drummond)

Não dificilmente lemos notícias de crianças submetidas à delinquência, à prostituição, em redes de pornografia em internet, e até mesmo tramando terrorismos. Somado a isto, estão também submetidas à violência doméstica, maltrato psicológico, abuso de autoridade. Temos visto surgir as distintas formas que destacam e mantêm a criança em sua dimensão de objeto. Ela tem sido "violentada", cada vez mais, como mercadoria, como objeto de sacrifício, objeto de gozo.

Para Laurent (2007), o sucesso dos distúrbios de atenção e hiperatividade, por exemplo, é muito poderoso, já que permite reduzir a questão subjetiva a uma questão somática. Esta biologização da conduta diz respeito à mesma lógica da moda da depressão e dos antidepressivos: eliminar a causalidade psíquica. São discursos científicos regidos pelas exigências da medida e da avaliação. Assim se desenha, segundo Cocoz (2004), outra máscara da objetualização: a criança é observada, examinada, medida e avaliada a partir de sua conduta.

Ao mesmo tempo, vemos uma outra forma de violência contra a criança insistindo atualmente, talvez aparentemente imperceptível, porém importante de ser retratada: a violência materna. O excesso de demanda da mãe apaga o desejo da criança. Frente ao excesso da presença materna, a criança fica impossibilitada de aparecer enquanto sujeito. Quando a mãe não oscila na sua presença x ausência, ela aparece como toda e não simbólica. Para Cristina Drummond (2014), "pode-se partir da idéia de que uma mãe é violenta porque toma seu filho como objeto condensador de seu gozo".

Laurent, em 2007, apontou uma versão da criança como "objeto a liberado". Para ele, a criança como objeto a, já não se assenta na metáfora paterna, que era a face clássica do complexo de Édipo, mas passa a ser puro objeto de gozo da mãe, da família, e, para além dela, da civilização. A criança tornou-se "objeto a liberado", produzido. Dentro da lógica atual do empuxo a gozar, assistimos cada vez mais a criança ser capturada como mais um objeto de consumo - *gadjet* - apreciado como objeto, depreciado como desejo. Passou do lugar de "sua majestade, o bebê", ou seja, objeto de amor e ideal do casal, para o lugar de criança dejetado. Logo, para o lugar de criança "violentada" como resto.

Vemos como consequência, crianças mantidas aquém de alguma estrutura formada, muitas ainda no meio do caminho de sua estruturação psíquica. As operações de alienação e separação são cada vez menos bem efetuadas. Bassols (2014) e Berkoff (2014) enunciam uma nova versão: as "crianças do Um". São aquelas que têm se mantido presas ao tempo 1, do primeiro significante (S1), sem avanço na subjetivação de suas experiências traumáticas, logo, impossibilitadas de ler esta marca com um outro significante (S2).

Para Adela Fryd (2013), as crianças têm sido mais mestres que seus pais e isso também não é sem consequência. "Essas crianças são ariscas aos significantes que são oferecidos no campo do Outro. Em dificuldade com a alienação significante, o sujeito pode optar por uma falsa separação. Quer dizer, ali onde não se pode produzir, e onde há dificuldade em gerar uma separação, esta termina sendo jogada no corpo. É precisamente nesse ponto que podemos situar os casos dessas crianças em posição de objeto, aquelas que frente à interpelação do Outro, quer dizer, ante a pergunta pelo desejo do Outro, respondem em particular com o corpo." Vemos então, a versão da violência produzida pela própria criança, de um lugar não ainda de sujeito: tornam-se perseguidores dos pais, dos professores, de seus semelhantes (Coccoz, 2014).

Foi a partir de questões como estas que Coccoz apontou o mal-estar atual em uma de suas formas mais cruéis: a significação da função da infância. A orientação do discurso psicanalítico permite considerar esta situação crítica, a partir de uma ética que se encontra para além do determinismo genético e das práticas segregativas (Coccoz, 2004). Precisamos questionar como reintroduzir a subjetividade neste momento de fragmentação dos discursos (Coccoz, 2004). Nos parece oportuno pensar então acerca do lugar que a criança vem ocupando na contemporaneidade e que tratamento vem sendo dado a ela.

Segundo Drummond (2014), estar na posição de objeto é uma condição da criança: ela vem ao mundo como objeto real. Também para Lacan (1969-70), "cada um de nós é determinado primeiro como objeto a". Mas Cristina nos alerta: a criança precisa "trabalhar para inscrever-se no campo da subjetividade, assim como para recobrir sua condição de objeto real com uma imagem e com significantes que pertencem ao campo do simbólico, recebidos por ela como uma herança, em seu contexto familiar. Esses recursos, dos quais o sujeito lança mão para não identificar a essa posição de resto, fazem-no construir um percurso no qual ele estabelece uma relação com seu corpo".

Recentemente, Miquel Bassols (2014) conceituou a infância como sendo o melhor recalcado encobridor que temos, como o mais ignorado na vida do sujeito. Para ele, a infância é fundamentalmente uma tela, que esconde sempre um segredo familiar, um encontro traumático - o gozo. Acrescenta que o gozo infantil vem sendo objeto de segregação em muitas sociedades e fala da insistência em se tentar controlar a pulsão por via das muitas práticas educativas. Para ele, há um forte ideal normativo que impede o surgimento da invenção, em nome da medicalização, do adestramento pelas TCC's, da domesticação deste gozo infantil - aparecido como estranho. Porém destaca: o verdadeiro descobrimento de Freud foi saber escutar ao sujeito da infância como de pleno direito em relação ao inconsciente e ao gozo e por isso responsável por ele.

Segundo Bassols (2014), a criança é, antes de qualquer coisa, um sujeito suposto saber, tal qual o adulto. É preciso apostar na criança como sujeito. Passar de S1's sozinhos a uma possível cadeia é dar espaço a que construa sua invenção, que construa seu sintoma e possa fazer algo com isso. É ofertando a palavra que a psicanálise faz sua função. Na medida em que um sujeito é sujeito da palavra, ele é responsável por seus atos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Bassols, M. Trauma e Real: o que as crianças inventam. Conferência dada na 4ª. Tarde de trabalhos do CIEN-Brasil. Belo Horizonte, nov 2014.
- Berkoff, M. Perturbar la defensa em los niños. Em: Virtualia, revista digital de la Escuela de la Orientación Lacaniana, n. 28, jul 2014.
- Coccoz, V. Violencia sui minori. Em: Virtualia, revista digital de la Escuela de la Orientación Lacaniana; ano 3, n. 11 e 12, dez 2004.
- Drummond, C. Violências maternas. Em: A violência, sintoma social da época, orgs. Ondina Machado e Ernesto Derezensky, Ed. Scriptum, 2014.
- Fryd, A. Crianças amos. Em Papers 9, 2013.
- Lacan, J. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise [1969-70]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- Laurent, É. A sociedade do sintoma: a psicanálise, hoje. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 2007.

O sintoma e o real do trauma – revisitando o conceito de repetição em Lacan.

Paula Goulart – Núcleo Carrossel

Na constituição do sintoma e em seus efeitos de repetição, qual seria o real, qual trauma que estaria instalado aí?

O aforismo lacaniano 'não há relação sexual' pode nos servir de ponto de partida nessa investigação, já que o ser falante não dispõe do saber sobre o real, sobre o gozo sexual. O que colocaria o trauma como esse encontro com um gozo sexual sem o amparo de um saber sobre a sexualidade, deixando para o sujeito um enigma.

O sintoma emergiria como metáfora, que tenta responder a esse enigma sobre o gozo sexual. As respostas são sempre particulares, já que a relação entre o homem e a mulher não pode ser calculada pela natureza.

Enquanto metáfora, o sintoma apontaria para o retorno de uma experiência reprimida. O trauma originário, ponto central dessa experiência, como a própria cena infantil que vai se organizar com a formulação da fantasia inconsciente, por parte do sujeito.

O real pode ser tomado, então, como uma coordenada do sintoma enquanto 'janela' do fantasma. O fantasma viria recobrir esse encontro contingencial, velando o gozo que põe em jogo a ausência desse saber sobre o sexo.

Freud estabelece uma relação de causalidade entre trauma e sintoma em suas teorias do trauma e da fantasia. Para ele, haveria um trauma ocasional, produtor do sintoma; e um trauma originário, representante da irrupção do real na vida do sujeito. A causa apareceria, então, no *après-coup* de seus efeitos.

O caso Emma, tomado como exemplo, tem a cena 2 interpretada como o encontro contingente que leva à repetição, encontro como autômaton, na perspectiva lacaniana. Após ele é que surgem os sintomas, como retorno de uma experiência reprimida.

O trauma originário, constituído por uma cena infantil, faz irromper um gozo sexual para Emma na ausência de um saber sobre o sexo. Esse encontro traumático com o real é a tiquê.

Lacan, no Seminário 11, sinaliza que o lugar do real vai do trauma à fantasia, fazendo dela uma tela dissimuladora do que há de determinante na função da repetição.

A fantasia por vezes mostra e oculta esse encontro traumático do sujeito com o real.

Stevens, ao equacionar o final de análise e sua relação com a fantasia, aponta que nos depoimentos o que se encontra são franqueamentos, abordagens do real. O sintoma, testemunho do modo como o sujeito se confronta com a pulsão, aparece como um ponto situado mais-além da fantasia.

Para Stevens, a noção de saber-fazer com seu *sinthoma* debulha como as marcas de gozo são as respostas do sujeito à inexistência da relação sexual, do saber sobre a sexualidade.

Retomando então a análise do trauma freudiano como encontro contingente com o gozo sexual e como ocasião para construção de uma resposta particular, o *sinthoma* se constituiria como resposta do sujeito à repetição (*tiquê*) e todos os acontecimentos de uma certa modalidade do real (*actings out*, passagens ao ato, atos falidos, acidentes) poderiam ser lidos como significações do *sinthoma*.

Seriam fenômenos causados pela repetição do *sinthoma* (autômaton) e pela posição do sujeito no discurso, demonstrando que há sempre um primeiro sentido, por efeito de *après-coup*, em todo encontro posterior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Lacan, J. (1964) O Seminário Livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
Stevens, A. El *sinthoma* y lo real del trauma. *Estudios psicoanalíticos. Trauma y discurso* n. 4. Eolia - Miguel Gómez Ediciones.

LAPSUS ONLINE

A Lapsus também pode ser lida, ampliada, consultada e compartilhada em meio virtual. Contamos com toda a nossa história no site <http://institutopsicanalisebahia.com.br/lapsus>

Visitem-nos!

Submissão de trabalhos

Convidamos os participantes do IPB a compartilhar com LAPSUS suas ideias, seus temas de investigação e interesse. Os trabalhos poderão ser enviados para o e-mail lapsusipb@gmail.com

Expediente

Equipe Lapsus: Anderson Viana, Daniela Araujo, Ethel Poll, Júlia Solano, Paula Goulart, Rogério Barros, Iago Sampaio e Wilker França

Consultor: Bernardino Horne

Contato: lapsusipb@gmail.com

Jornada IPB

Comissão Organizadora 2014: Analícea Calmon, Bernardino Horne e Jordan Gurgel.

Colaboradores: Equipe Lapsus - Anderson Viana, Daniela Araujo, Ethel Poll, Júlia Solano, Paula Goulart, Rogério Barros, Iago Sampaio e Wilker França